

REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DE UM ANTROPÓLOGO NUMA INSTITUIÇÃO DE ENGENHARIA CIVIL *

por

Marluci Menezes**

Resumo: Esta reflexão propõe discutir alguns aspectos que se encontram subjacentes ao trabalho que, como antropóloga, se desenvolve numa instituição de investigação em muito ligada às Ciências da Construção. Isto porque, circunstancialmente, se tem exposto publicamente alguns resultados e reflexões acerca de estudos efectuados, contudo e de certa forma, tem ficado por discutir, reflectir e, de certo modo, divulgar *o que, como e de que forma trabalha* um antropólogo numa instituição desse cariz. O que, num outro ponto de vista, permite mostrar como pode ser plural, aberto e criativo os terrenos, temas e contextos institucionais para se desenvolver a investigação antropológica.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; espaço; sociedade.

O que faz um antropólogo numa instituição de engenharia civil?

A actividade que se desenvolve como antropóloga do Núcleo de Ecologia Social (NESO) do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC) está relacionada com os objectivos fundamentais deste Núcleo,¹ correspondendo ao desenvol-

* A reflexão que aqui se apresenta retoma alguns aspectos de um trabalho anterior e que serviu como base de uma comunicação elaborada para o Congresso sobre “Práticas e Terrenos da Antropologia em Portugal”, realizado em Lisboa em Novembro de 1999. Passados 5 anos desde aquela data, entendeu-se pertinente fazer uma revisão e um aprofundamento da temática abordada naquela comunicação, na medida que algumas questões levantadas se mantêm com alguma proeminência.

** Doutora em Antropologia Social, Investigadora Auxiliar do Núcleo de Ecologia Social (NESO) do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC). Contacto: Av. do Brasil, n.º 101, 1700-066, Lisboa. marluci@lneec.pt

¹ O NESO existe desde 1985, muito embora a sua designação anterior fosse GES (Grupo de Ecologia Social). Em 2002 deu-se a passagem do GES à Núcleo (conforme artigo 14.º, da Portaria n.º 507/2002, de 30 de Abril, do Ministério das Finanças, do Equipamento Social e da Reforma do Estado e da Administração Pública).

vimento de investigação fundamental, aplicada e experimental, com o intuito de responder às necessidades científicas e tecnológicas essencialmente concernentes aos domínios da habitação, urbanismo e obras públicas. Em específico, cabe ao Núcleo de Ecologia Social realizar estudos nos seguintes domínios: da “ecologia social do habitat urbano, nomeadamente em relação com a qualidade do habitat, os problemas sociais em áreas degradadas, os grupos sociais de risco e os projectos de intervenção no âmbito do desenvolvimento social local; ecologia social relacionada com o ambiente, nomeadamente em relação com a avaliação de impactes sociais de grandes empreendimentos de engenharia e a percepção de riscos tecnológicos e naturais”.²

Os estudos desenvolvidos no NESO objectivam a realização de uma investigação aplicada à realidade social; a integração interdisciplinar, sobretudo no que respeita a uma maior inter-relação entre as Ciências Sociais e Humanas e as Ciências da Construção; a inovação de métodos e técnicas de investigação e intervenção. As principais áreas temáticas de trabalho são: 1) sensibilidades ecológicas, novos movimentos sociais e recomposição territoriais; 2) participação e cidadania; 3) processos, trajectórias e estatutos socio-espaciais de desfavorecimento e exclusão; 4) sociabilidades, estruturas de organização identitária e representações socio-espaciais; 5) satisfação residencial, modelos de habitar e qualidade de vida; 6) percepção de riscos naturais e tecnológicos; 7) avaliação de impactes sociais na construção e utilização de infra-estruturas; 8) criminalidade e (in)segurança em espaços de uso público; 9) uso, apropriação e representação do espaço; 10) desenvolvimento e inovação de instrumentos de apoio aos processos de decisão.

No âmbito do perfil acima referido, a actividade que se desenvolve como antropóloga sobretudo visa aprofundar o conhecimento da relação entre organização social e organização do espaço, enquadrando-se na perspectiva da antropologia urbana e de um sub-campo disciplinar aqui designado como antropologia do espaço. Os aspectos ou temáticas mais recorrentemente abordados nos estudos desenvolvidos, partem de um interesse geral e que se refere às relações entre os indivíduos e os seus contextos de vivência, daqui derivando os seguintes sub-temas: 1) práticas de uso, apropriação e representação do espaço; 2) memórias e projectos dos indivíduos/grupos relativamente aos contextos habitacionais, de trabalho e lazer (etc.); 3) aspectos socioculturais relacionados com a salvaguarda e reabilitação do habitat antigo e recente; 4) desenvolvimento de uma perspectiva de trabalho inter/transdisciplinar; 5) construção de metodologias e instrumentos de trabalho inovadores e que contemplem as várias facetas ou dimensões inerentes aos contextos analisados;

² De acordo com o artigo 14.º, da Portaria n.º 507/2002, de 30 de Abril, do Ministério das Finanças, do Equipamento Social e da Reforma do Estado e da Administração Pública.

6) construção e sistematização de eixos de orientação úteis à intervenção e gestão socio-urbanística que contemplem as dimensões socioculturais dos contextos. Portanto, no seguimento deste texto discute-se algumas das implicações dos aspectos ou temáticas aqui referidas.

A relação entre espaço e sociedade

Um dos pressupostos de partida para o desenvolvimento de estudos sobre o espaço e a sociedade, é admitir que a relação entre actores sociais e espaço é dialéctica (Lévi-Strauss: 1974; 1993) o que, à partida, permite considerar que a similitude que daí emana diz sobretudo respeito ao problema que se põe em termos da relação entre as configurações espaciais e as identidades colectivas (Silvano: 1988, 1994, 1997). Esta relação trata da interacção entre indivíduos, sociedade e meio, entre indivíduos/grupos, comportamento e espaço. Tais pressupostos permitem tomar o espaço como uma condição intrínseca às sociedades, manifestando-se assim na intimidade das estruturas sociais e no âmago dos dispositivos simbólicos (Lévy e Segaud: 1983). Como refere DaMatta (1991: 69), é “estudando o espaço de uma sociedade que se pode lançar luz sobre questões tão importantes como o seu sistema ritual e o modo pelo qual ela faz a sua dinâmica”.

Daí que, podendo considerar-se a relação entre organização do espaço e organização da sociedade como o objecto de estudo do trabalho que se desenvolve, o contexto de observação etnográfica e de análise antropológica refere-se ao habitat urbano. Nesta óptica, o habitat é aqui entendido como o espaço social e o espaço ocupado, o que infere a existência de suportes para a produção, reprodução e desenvolvimento da sociedade – sendo um desses suportes o espaço físico –, bem como para os processos de continuidade e mudança (Casal: 1986). No entanto, é fundamental salientar que o habitat é aqui tomado como um espaço complexo, heterogéneo e multidimensional, encontrando-se a sua produção e construção no cerne das interacções entre as dimensões físicas, sociais, culturais e psicológicas, como das relações entre interior e exterior, local e global. Deste modo, as noções de habitat/habitar permitem destacar a dimensão existencial do ser humano, nomeadamente nos factores de âmbito locacional, simbólico, cultural, temporal e histórico (Reis Cabrita, *et. al.*: 1998).

Se a unidade e a diversidade, a continuidade e a descontinuidade, a permanência e a mudança dos sistemas sociais são preocupações centrais da antropologia, o estudo do habitat humano, num sentido alargado, e de determinados habitats urbanos, num sentido particular, também vai ao encontro de tais preocupações. Pelo que, mediante a diversidade cultural, propomo-nos aprofundar o conhecimento dos as-

pectos socioculturais que se reportam à relação entre espaço, habitat, objectos arquitectónicos e a organização socio-espacial. Daqui resulta a importância em analisar as relações entre indivíduos/grupos e casa, edifício, rua, praça, e/ou bairro (etc.), e as suas variadas e múltiplas relações entre os mais íntimos e os mais expostos dos espaços, entre interior e exterior, entre bairro e envolvente, entre local e global e, ainda entre as permanências e inovações socio-espaciais.

No âmbito dos estudos efectuados em diferentes contextos de habitat, é de relevar os seguintes aspectos:

- As particularidades dos contextos residenciais e as suas inter-relações com as dimensões mais globais da realidade urbana.
- A relação entre as práticas de uso/apropriação do espaço, as características formais e funcionais dos espaços físicos, bem como o estado de conservação destes espaços, com as representações e imagens socio-espaciais que são construídas relativamente aos contextos residenciais e urbanos.
- As trajectórias/percursos, memórias e projectos socio-residenciais dos indivíduos em termos dos modos e formas como os contextos são apropriados, percebidos e representados.
- A influência das dimensões simbólicas, estéticas e rituais subjacentes aos espaços, objectos, práticas e usos, nas dinâmicas de satisfação residencial, no uso/apropriação, na manutenção/conservação dos contextos residenciais, como no gosto em relação ao sítio onde se vive.

O desenvolvimento de uma análise socio-espacial faz eco à necessidade de compreensão das relações internas e das interacções que se manifestam num dado contexto, bem como dos actos de percepção, apreciação, conhecimento e reconhecimento por parte de quem usa, apropria e representa o espaço-habitat. Dir-se-ia ainda que as características de uso e apropriação do espaço podem ser tomadas como uma dimensão de vivência na medida que, ao congregar múltiplos aspectos, interliga atributos físicos com práticas culturais de uso e valores de apropriação, e uma dimensão dinâmica que, ao se repercutir no tempo, permite entender estes múltiplos aspectos como um processo constante de construção, desenvolvimento, continuidade e mudança (Freitas, Menezes e Coêlho: 1996). Daí falar-se na importância do conhecimento das trajectórias/percursos, memórias e projectos dos indivíduos, bem como das dimensões simbólicas, estéticas e rituais subjacentes aos espaços e práticas.

Como contextos socio-espaciais de análise tem-se privilegiado o desenvolvimento de estudos nos seguintes tipos de habitat urbano:

- Áreas / bairros degradados (bairros de barracas e núcleos urbanos históricos).

- Empreendimentos habitacionais de custo controlado (HCC), podendo estes contextos serem de promoção municipal, cooperativa ou empresarial (Contrato de Desenvolvimento Habitacional – CDH).

No que concerne aos aspectos ou temáticas mais recorrentemente abordados, o quadro que se segue sintetiza algumas das questões que emergem no nosso quotidiano de trabalho e que, de certo modo, nos auxiliam a melhor estruturar o conhecimento da relação entre organização do espaço e organização da sociedade.

T E M A G E R A L	
RELAÇÕES ENTRE OS INDIVÍDUOS E OS SEUS CONTEXTOS DE VIVÊNCIA	<ul style="list-style-type: none">• Como os indivíduos interagem com o meio físico em que vivem?• Quais são os aspectos socioculturais que permitem identificar as permanências e as mudanças socio-espaciais?• Quais são as características, atributos socioculturais e espaciais que contribuem para a ligação dos indivíduos aos seus contextos de vivência e que, eventualmente, podem funcionar como referências identitárias?• Como se constituem as redes de relações sociais nos contextos residenciais urbanos? Que espaços se destacam no desenvolvimento das sociabilidades?• Quais são os aspectos socioculturais que englobam ou sintetizam práticas, vivências, percepções e interesses comuns ao nível do quotidiano socio-habitacional em meio urbano?
T E M Á T I C A S D E R I V A D A S	
CARACTERÍSTICAS DE USO, APROPRIAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO	<ul style="list-style-type: none">• Como os indivíduos se apropriam do seu habitat?• Quais são os aspectos socioculturais que se encontram presentes na constituição de territórios privados, públicos, semi-privados e semi-públicos?• Como os indivíduos percebem e representam os seus contextos habitacionais?• Como as dinâmicas endógenas influenciam as envolências urbanas (e vice e versa)?• Qual a relação entre a função do espaço e a forma como se dá a sua apropriação?• Que práticas, representações e imagens contribuem para a constituição de territórios liminares, segregados ou excluídos?• Qual a relação entre práticas de uso e apropriação do espaço e os processos de segregação socio-espacial?

MEMÓRIAS E PROJECTOS DOS INDIVÍDUOS/GRUPOS RELATIVAMENTE AOS CONTEXTOS SOCIO-ESPACIAIS	<ul style="list-style-type: none"> • Como os percursos socio-residenciais dos indivíduos, as suas memórias e projectos influenciam a forma como os contextos são usados, apropriados e representados? • Quais são os projectos e as expectativas habitacionais dos indivíduos relativamente aos seus contextos de vivência? • Como se define a relação entre memória e projecto no decurso do quotidiano de um dado contexto socio-espacial? • Podem as referências retidas pela memória social servir como estímulo ou como obstáculo à criação de planos, programas projectos de intervenção e gestão socio-urbanística?
ASPECTOS SOCIOCULTURAIS RELACIONADOS COM AS DINÂMICAS DE SALVAGUARDA E DE REABILITAÇÃO DO HABITAT ANTIGO E RECENTE	<ul style="list-style-type: none"> • O que pode significar para os indivíduos e os seus contextos de vivência as propostas de revitalização sociocultural? • Que implicações antropológicas têm conceitos como manutenção, salvaguarda e conservação do património urbano? • O que se define como problema sociocultural e espacial e como potencialidade nos habitats antigos e recentes? Como inverter a situações-problema e dinamizar as potencialidades/recursos? • Existem mecanismos socioculturais intrínsecos aos contextos que viabilizam a sustentabilidade do sistema? Que mecanismos são estes? Como dinamizá-los de forma articulada com as necessidades de inovação? • Porque as perspectivas de reabilitação e revitalização sociocultural recaem tanto sobre os problemas e minimizam as potencialidades?
DESENVOLVIMENTO DE UMA PERSPECTIVA DE TRABALHO INTER/TRANSDISCIPLINAR	<ul style="list-style-type: none"> • Como adoptar uma perspectiva de trabalho inter/transdisciplinar sem perder de vista as referências antropológicas? • Como se pode articular os interesses, estilos de vida, necessidades, práticas dos indivíduos com as intenções definidas pelos projectos de edificação, intervenção e gestão socio-urbanística? • Como o conhecimento das dimensões antropológicas dos contextos socio-espaciais pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida, residencial e urbana do espaço-habitat?

CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIAS
E INSTRUMENTOS DE TRABALHO
INOVADORES

- Como articular a necessidade de obtenção de dados de cariz sociocultural com aqueles de âmbito arquitectónico, construtivo e urbanístico num mesmo instrumento de recolha de informação? Como proceder a análise dos dados que resultam da utilização do referido instrumento?
- Como promover contributos analíticos interactivos com as outras disciplinas e dimensões que compõem o habitat?
- Como comunicar de forma legível as informações de carácter sociocultural aos técnicos que não estão directamente ligados às Ciências Sociais (por exemplo: engenheiros e arquitectos)?
- Como transformar valores, práticas, imagens e representações socioculturais em referências para o trabalho de concepção de planos, programas e projectos de edificação, intervenção e gestão socio-urbanística?
- Como conciliar o tempo necessário para a realização de trabalho de campo, recolha de dados etnográficos, análise e interpretação antropológica com o tempo colocado pelos imperativos de intervenção e gestão socio-urbanística?

CONSTRUÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO
DE EIXOS DE ORIENTAÇÃO ÚTEIS
À INTERVENÇÃO E GESTÃO
SOCIO-URBANÍSTICA

- Qual o contributo antropológico para a definição de planos, programas e projectos de intervenção e gestão socio-urbanística?
 - Como transformar aspectos, características e atributos socioculturais em informação útil para a concepção de projectos arquitectónicos e de intervenção socio-urbanística?
 - Como se pode contribuir para a promoção da qualidade de vida urbana e minimização das situações de segregação, estigmatização e exclusão socio-espacial?
-

Relativamente aos contributos ou as implicações antropológicas, notar que os estudos até então desenvolvidos têm permitido:

- Definir alguns dos aspectos socioculturais que sintetizam práticas, percepções, interesses e projectos comuns ao nível dos contextos analisados, permitindo assim clarificar e enfatizar a importância dos aspectos que se fazem contínuos, a par dos processos de transformação socio-espacial.
- Comparar e relativizar distintos contextos socio-espaciais, de modo a se aglutinar referências e práticas socioculturais comuns, e distinguir os aspectos mais diversos e variados.

- Detectar a existência de processos de reformulação socio-espacial que, entretanto, enriquecem o campo das significações imaginárias relativamente ao habitat antigo e recente, desse modo interferindo nas dinâmicas, práticas e representações socio-espaciais (endógenas e exógenas).
- Detectar a utilização de distintas formas de conceptualização e categorização de um mesmo espaço tanto da parte dos técnicos com formações disciplinares variadas como da parte dos diferentes habitantes, confrontando-nos com uma heterogeneidade de representações socio-espaciais que não necessariamente são opostas. Muitas vezes, essas representações são múltiplas e complementares, exigindo um esforço interpretativo para se compreender as várias linguagens utilizadas no processo de percepção ambiental ou os distintos processos intertextuais pelo qual o espaço é lido.
- Identificar e evidenciar a existência de especificidades socioculturais nos modos de apropriação e organização do espaço, para além das suas especificidades físico-arquitectónicas.
- Observar as múltiplas influências entre modelo físico de arranjo espacial, o grau de abertura ou fechamento socio-urbanístico dos contextos, as relações entre espaço exterior e interior, as práticas e a visibilidade dos grupos em presença, e as configurações socio-espaciais.
- Identificar e conhecer alguns dos aspectos socioculturais que se encontram presentes na constituição dos territórios privados, públicos e semi-públicos.
- Identificar e conhecer qual é a importância dos distintos espaços (casa, edifício, rua, praça, bairro, freguesia, etc.) ao nível das práticas e representações dos indivíduos.
- Destacar a importância da relação entre espaço privado e espaço público nos processos de construção identitária relativamente aos contextos residenciais.
- Observar que os espaços privados e públicos não são excludentes mas relacionais, não só no que se refere as dinâmicas endógenas, mas também ao nível da relação com a envolvência urbana o que, muitas vezes, coloca problemas de integração socio-urbanística. As dinâmicas de vinculação socio-espacial com o contexto de residência e os processos de construção de imagens urbanas – endógena e exógena – estão intimamente ligados à promoção da qualidade e à garantia da manutenção dos espaços públicos. Nesse sentido, tem sido relevante considerar a questão da visibilidade dos grupos sociais em presença e do próprio ambiente construído ao nível dos proces-

sos de percepção ambiental e de segregação socio-espacial a que alguns desses contextos se encontram sujeitos.

- Detectar quais são os aspectos socioculturais que, na sua relação com o espaço, dão origem as situações de segregação e exclusão socio-espacial.
- Delinear eixos prioritários à realização de projectos, planos e programas de intervenção e gestão, bem como ao nível de critérios que possam vir a sustentar normas e regulamentos construtivos, quer ao nível dos processos de construção do habitat residencial, quer ao nível da intervenção socio-urbanística.

Enfim, dir-se-ia que a faceta antropológica dos estudos do habitat urbano refere-se, sobretudo, a uma tentativa de análise e compreensão de como, no quotidiano, os indivíduos e as suas redes de relações sociais se constroem, articulam, desenvolvem e interagem com os espaços arquitectados e urbanizados.

Perspectivas de abordagem

Do ponto de vista institucional, é saliente o facto da adopção de uma faceta mais social e cultural na abordagem e análise do habitat urbano reportar-se à necessidade de se desenvolver uma perspectiva mais abrangente da qualidade residencial, em muito ligada à ideia de qualidade de vida (Reis Cabrita: 1988; 1998). Tal perspectiva implicou na necessidade de se proceder a uma leitura inter-relacionada do espaço em termos da relação entre organização social e espacial, ao invés de identificar elementos isolados a serem posteriormente distribuídos separadamente em distintos conjuntos disciplinares. Ao que, a adopção de uma perspectiva inter/transdisciplinar, permitiu introduzir novas dimensões de análise e interpretação dos contextos, repensar a própria noção de qualidade do habitat, bem como introduzir a perspectiva dos habitantes/utentes, nomeadamente ao nível das dimensões simbólicas e práticas de uso e apropriação dos seus contextos residenciais, da satisfação residencial e sentimentos de bem estar. Teoricamente, esta perspectiva tem permitido trabalhar de forma articulada a relação entre as dimensões comportamentais, as dinâmicas socioculturais e o meio ambiente.

Do ponto de vista metodológico, o contributo antropológico tem sobretudo sido no sentido de cada vez mais adoptar metodologias, técnicas e instrumentos qualitativos, para além daqueles mais quantitativos. É claro que este contributo não perfaz em si uma característica da antropologia, mas das Ciências Sociais em geral. Contudo, ressalta-se a importância da dimensão qualitativa dos métodos e técnicas

adoptados pelo facto de, por um lado, ter sido possível introduzir a dimensão cultural na análise dos contextos socio-espaciais. Por outro lado, a análise dos resultados obtidos têm permitido verificar o quão importante tal dimensão é ao nível da constituição, representação, percepção, práticas, desenvolvimento e transformação socio-espacial. Entre os diferentes métodos e técnicas de recolha de informação adoptados, aqueles que mais têm permitido atingir tais objectivos referem-se ao desenvolvimento de uma observação em terreno mais demorada, ao recurso às entrevistas abertas e/ ou semi-directivas com especial incidência nos percursos socio-habitacionais dos indivíduos, à utilização de registos etnográficos com base na informação iconográfica, sobretudo através da fotografia, e à incidência na realização de estudos de caso.

Mas no que se inova? Se é que uma das principais inovações refere-se à institucionalização do contributo das Ciências Sociais numa instituição amplamente conhecida pelo seu contributo na área da engenharia é, contudo, saliente o interesse por uma perspectiva antropológica e cultural. Até porque, sobretudo no caso dos sociólogos, é notória a relativa antiguidade do contributo da sociologia da habitação e do ambiente em instituições similares ao LNEC. Neste sentido, salienta-se a tentativa de construir, elaborar e definir metodologias, técnicas e instrumentos de trabalho em conjunto com sociólogos e psicólogos sociais, mas também com arquitectos e engenheiros. E mais, a aplicação e desenvolvimento destas metodologias de trabalho têm, em certos estudos, permitido trabalhar com equipas de terrenos constituídas por especialistas destas diferentes áreas. Deste modo, permitindo aproximar alguns conceitos, categorias e noções de entendimento do espaço, colocando em relação diferentes áreas disciplinares e dando lugar aquelas noções utilizadas pelos habitantes e utentes dos contextos analisados.

Salienta-se ainda que tais estudos têm – apesar dos desafios que se colocam – permitido contemplar alguns dos resultados das análises efectuadas em relatórios comuns e, tais resultados têm sido constantemente discutidos e reavaliados, dando lugar a uma perspectiva dinâmica de trabalho interdisciplinar, bem como ao nível da inovação das metodologias de análise e estudo.

No entanto, notar que quando aqui é feita referência a uma perspectiva de trabalho interdisciplinar não se quer com isso dizer que os estudos somente são desenvolvidos por equipas pluridisciplinares. A perspectiva com que se trabalha é também no sentido de desenvolver uma investigação que não se socorra unicamente de uma bibliografia antropológica, até porque as questões socio-espaciais têm sido tratadas por diferentes disciplinas e linhas de pensamento. Pelo que, considera-se que a linha estruturante dos estudos desenvolvidos é que se refere às questões colocadas pela antropologia urbana e, mais especificamente, pela antropologia do espaço e, neste sentido, poder-se-ia falar na importância da transdisciplinaridade.

Implicações finais

Embora exista um trabalho construtivo e estimulante no âmbito da actividade de pesquisa que se desenvolve, circunstancialmente, é-se confrontado com a necessidade de explicar o que faz um antropólogo numa instituição de engenharia civil. Repare-se, assim, que embora para muitos seja mais compreensível o papel da sociologia, sobretudo devido a notória contribuição dessa disciplina nos estudos sobre habitação/habitat e ambiente, relativamente à antropologia ainda parece existir uma certa ideia ou estereótipo de que os antropólogos são aqueles que estudam aldeias comunais em países longínquos ou, então, que somente desempenham a sua actividade de pesquisa e investigação quando ligados à academia universitária. Tais situações podem fazer com que o antropólogo somente justifique o porque do seu trabalho, ao invés de relevar a importância dos resultados dos estudos efectuados e em como eles podem ou poderão contribuir para um melhor conhecimento da sociedade e, como tal, para o desenvolvimento social, da qualidade de vida e da sustentabilidade urbana.

No entanto, no sentido de melhor clarificar o papel de um antropólogo numa instituição como o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, delineou-se como objectivo deste artigo enfatizar o quanto pode ser plural, aberto e criativo os terrenos, temas e contextos institucionais para se desenvolver a investigação antropológica. Daí se ter optado por um discurso que, de certo modo, esteve mais centrado numa tentativa de legitimação de uma prática, do que propriamente de exploração e reflexão sobre resultados de estudos – aspecto que se considera como uma das características mais enriquecedoras desta prática científica. Por outro lado, encontrando-se a dimensão cultural no cerne das preocupações da investigação que se desenvolve, era saliente dar visibilidade ao facto desta ter sido assumida, apesar das suas especificidades, por uma instituição como a que se trabalha.

No entanto, resta ainda abordar duas outras questões. Uma delas refere-se ao desenvolvimento de uma investigação para a acção e aplicada à realidade social conforme é objectivada pelo Núcleo de Ecologia Social. Embora este objectivo faça parte dos estudos desenvolvidos, tal perspectiva não é propriamente uma antropologia aplicada e participativa no sentido mais convencional desta prática. Acredita-se, assim, que o trabalho de pesquisa que se desenvolve é mais no sentido de uma antropologia implicada com a realidade social e urbana. Salienta-se, deste modo, que institucionalmente, não se tem uma participação directa nos projectos nem nos processos de intervenção, podendo-se sim, trabalhar no sentido da delineação de eixos orientadores e que sirvam de apoio aos projectos de intervenção e gestão socio-urbanística, ou ao nível de consultoria/apoio técnico ao desenvolvimento/ implementação de tais projectos.

A outra questão prende-se com os desafios que se colocam no quotidiano de trabalho. Como articular preocupações, interesses, conceitos, noções, objectivos, conteúdos, dimensões, temas, terrenos, estilos metodológicos, práticas e produtos disciplinares distintos? Como articular o tempo necessário para a pesquisa em terreno e a redacção dos resultados dos estudos, com a necessidade de fornecer respostas e operacionalizar resultados conforme as solicitações que nos são colocadas? Como dar visibilidade e importância às dimensões mais subjectivas e psicológicas inerentes ao espaço existencial e residencial dos indivíduos?

Julga-se, entretanto, que ainda existe um outro desafio, às vezes, deixado de lado e minimizado, e que se prende com a seguinte questão: como articular, operacionalizar e implicar os interesses e preocupações relacionados com uma perspectiva mais antropológica de entendimento do habitat urbano, com aquelas definidas nos programas e projectos habitacionais e urbanísticos?

Ao conceber a antropologia como uma ciência que tem muito a dizer sobre as sociedades complexas da nossa contemporaneidade e, neste sentido, sobre o meio urbano e os contextos residenciais que nesse meio interagem, acredita-se que algumas das adversidades que se colocam no quotidiano de trabalho, devem ser tomadas como desafios, exigindo ao antropólogo, para além do desempenho de um trabalho sério e de qualidade, o desenvolvimento e melhoria da capacidade de comunicação e diálogo com as diferentes valências disciplinares. Aspectos que, de certo modo, vão de encontro a algo em muito estudado e salientado pela antropologia: a importância dos canais e espaços de mediação, e dos mediadores; de modo que julga-se aqui que os antropólogos conseguem desempenhar esse papel com algum desembaraço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASAL, YAÑEZ. "Habitat, Société et Développement". In *Les Processus de Socialization Rurale au Mozambique*. Tomo I, Université de Paris I Pantheon – Sorbonne, Paris, 1986 (tese de doutorado).
- DAMATTA, ROBERTO (1991). *A Casa & A Rua*, Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- FREITAS, M. JOÃO; MENEZES, MARLUCI; COELHO, A. BAPTISTA (1996). "Contributos Sociológicos para a Análise e Definição de Qualidade Residencial". In *Actas do III Congresso Português de Sociologia*, Lisboa.
- LÉVI-STRAUSS, CLAUDE (1974). *Anthropologie Structurale*. Paris: Pion.
- LÉVI-STRAUSS, CLAUDE (1993). *Tristes Trópicos*. Lisboa: Edições 70.
- LÉVY, FRANÇOISE P., SEGAUD, MARION (1983). *Anthropologie de L'Espace*. Paris: Centre Georges Pompidou/CCI.
- REIS CABRITA, A. (1988). "O Meio e a Qualidade do Habitat Residencial", In *Psicologia*, VI, n.º 3, Lisboa.

- REIS CABRITA, A; COELHO, A.B.; FREITAS, M.J.; MENEZES, M.; PEDRO, J.B. (1998). "Análise e Avaliação da Qualidade Habitacional". In *Sociedade e Território*, n.º 25-26, Porto: Afrontamento.
- SILVANO, FILOMENA (1988). *Identidades Regionais e Representações Colectivas do Espaço*. Lisboa: UNL, (tese de mestrado).
- SILVANO, FILOMENA (1994). *Mobilidade e Enraizamento: as transformações da identidade – Um estudo das representações do espaço em Guimarães, Vizela e Santa Eulália*. Lisboa: UNL, (tese de doutoramento).
- SILVANO, FILOMENA (1997). *Territórios da Identidade*. Oeiras: Celta Editora.